

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: TNR00001

Data: 12.09.71

Pg.: _____

Índio vai à escola e ensinará a tribo

Da Regional de Rio Preto

Roró, ou abelha brava na linguagem da tribo Terenos, ou Rubens Mamede, como foi batizado, é um indígena que estuda no Colegíio Técnico Agrícola Estadual de Votuporanga e que, ao se formar, retornará à sua tribo para ensinar as modernas técnicas de plantio e introduzir várias culturas. Seu irmão Marcelo, ou Myémýé, fará os cursos de mão-de-obra especializada e pretende, também, seguir o exemplo de Roró, transmitindo os conhecimentos adquiridos à sua gente.

Terenos é uma tribo que habita a ilha do Bananal, com população estimada em 4 a 5 mil pessoas, e é de lá que Roró — nome que lhe foi dado por seu avô, pajé já falecido — saiu aos 18 anos, e foi para a missão de Dourados (Mato Grosso), uma reserva indígena onde convivem várias tribos, dedicando-se principalmente à agricultura. Roró depois foi para Apucarana (Paraná), para se tornar um missionário como aqueles de Dourados, mas lá ficou um mês, e retornou à reserva. "Meu pai me sustentava, enquanto estive em Apucarana, mas o seu trabalho na roça não dava para me manter por muito tempo, e eu não queria ficar sem estudar, não desejava permanecer enfiado na lavoura. Então, chegou a Dourados uma turma de estudantes, me informando que em Votuporanga estava sendo instalada uma escola, onde nada se pagava, a alimentação era boa, e aprendíamos a cuidar da terra, a plantar de tudo e, além disso, fazíamos o curso secundário". Foi assim que Tereno apareceu em Votuporanga, aos 24 anos de idade, com seu irmão menor Myémýé. E lá deixou mais?

CIVILIZAÇÃO

"Eu não estranhei a civilização, porque na minha tribo, quando eu nasci, ela já havia entrado. Além disso, estive em Apucarana. A dificuldade que encontro é não saber muito bem a língua portuguesa, foi há 5 anos que aprendi as primeiras letras e, por isso, aqui no colegíio, encontro algumas dificuldades quando os professores usam palavras que não entendo. Mas, todos eles são compreensivos, gosto deles".

Quando veio a Votuporanga, Roró trouxe algumas flechas e objetos feitos pela sua tribo, e vendeu-os. "Foi pouco dinheiro retornarei em dezembro a Dourados e trarei mais flechas". O seu maior problema é não ter dinheiro para comprar o que deseja, pois os seus pais não têm recursos, ganham pouco na lavoura. Em Votuporanga, o prefeito Hernani de Matos Nabuco — ele costuma chamar o prefeito e o diretor do colegíio, agrônomo Abílio Calile, de cacique — me arrumou tudo, até roupa de cama. Almocei com ele várias vezes, mas dinheiro ninguém me manda". O seu irmão Myémýé está hospedado na residen-

cia de um contador, que "é nosso patricio, já faz muito tempo que ele deixou a reserva, hoje é casado, seu nome indígena é Tapé". Myémýé trabalha para a Prefeitura e vai fazer cursos de pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista e pintor de construção civil. Depois de concluí-los, vai tentar melhorar a vida do seu povo. Ele não gosta muito de conversa, "também é a primeira vez que deixa a reserva".

TANGA, NÃO

A tribo Terenos não pertence a nenhum grupo indígena, segundo Rubens Mamede. "A nossa língua é diferente, mas não é difícil de aprender. Lá, eles andam vestidos como nós, pescam com anzol, mas o passoa! tem medo da espingarda e, por isso, ainda usa flechas para caçar. É invenção essa história de que usamos tanga, é coisa do passado, só na Amazonia tem índio que anda quase nu". Roró orgulha-se da reserva de Dourados, porque "tem hospital grande, vem índio de longe para se tratar. Há igrejas católica e evangélica, padres e pastores, todos missionários. Não há brigas, o pessoal vive trabalhando na agricultura, mas só planta arroz, milho, mandioca, batata. Quando terminar o curso, vou ensinar-lhes muita coisa, haverá fartura de cereais, verduras, frutas".

VAI ENSINAR A TRIBO

Roró não pensa em curso superior, afirma que estará "velho" dentro de 3 ou 4 anos para estudar, seu desejo é instruir sua tribo. Conquistou a amizade de todos em Votuporanga. Os jovens, quando o vêem na cidade, pedem-lhe para contar histórias da sua tribo e fazem-lhe muitas indagações. "Namorada, não! Tenho é amizade com meninas. Os índios são muito sinceros, só na civilização se pensa muito em sexo. Lá, na aldeia, eu pescava com uma moça, longe de todos, sem malícia. Na civilização, a coisa é diferente". Ele fala do casamento: "Hoje, índio para se casar vai ao cartório. Antes, apresentava a moça no posto indígena, dava o seu nome e o nome dela, e estavam casados. Eram raros os casos de infidelidade".

Roró parece tímido, mas não deixa nenhuma pergunta sem resposta. A matéria teórica de que mais gosta é História do Brasil ("conta a vida dos nossos antepassados"), em Matemática, na última prova, tirou nota 8, mas, em Ciências Naturais, não se saiu bem. "Tem muitas palavras que não entendo, foi difícil para mim".

SEM DOENÇAS

Depois, ele fala da diferença do indígena e do civilizado. "Os índios dificilmente ficam doentes, não têm cabelos brancos, e porque vivem o presente. O civilizado fica batendo a cabeça, pensando no futuro, quer alcançar um objetivo, e depois outro, por isso, os cabelos embranquecem logo". E Roró confessa que está começando a pensar como um civilizado. "Estou preocupado com o futuro".

Ele canta músicas da tribo, dança e toca a sua gaita. Na fes-

ta de aniversário de Votuporanga, apresentou-se na concha acústica, trajando um terno, gravata e foi muito aplaudido. E ao dirigir um agradecimento pelos aplausos recebidos, fez um especial à cozinheira do Colegíio Técnico Agrícola, por atender ao seu pedido: "Mais carne para mim, nas refeições".

Não faz muito tempo, Roró amanheceu gripado. Uma forte gripe, estava tossindo muito. Foi conversar com o prefeito Nabuco; este indicou-lhe um médico, que lhe deu uma receita, porém, resolveu fazer um xarope que aprendeu na sua tribo. Misturou folhas de laranja, goiabeira, raiz de erva-cidreira e ferveu-os, adicionando açúcar. Tomou e ficou bom. Seus colegas do colegíio também experimentaram o xarope e os gripados se curaram. "Agora, quando eles ficarem doentes, faço o remédio e cobro deles".



Roró, bom aluno